

“NÃO PRESTEM ATENÇÃO À VOZ DAS SEREIAS!”: o cotidiano feminino na revista “Para Moças” (1940/1960)

Luciane Sgarbi S. Grazziotin
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Porto Alegre, RS, Brasil

Tainá Martins de Barros
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Porto Alegre, RS, Brasil

Eduardo Cristiano Hass da Silva
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

A presente pesquisa procura compreender o uso de impressos de cunho civilizatório, publicados no início do primeiro quartel do século XX, e sua relação com o cotidiano feminino inscrito nas práticas sociais, com ênfase nas prescrições de ordem moral e nas relações de gênero presentes nelas. As fontes investigadas consistem em seis edições da revista “Para Moças”, criada por P. Eliseu e publicada, possivelmente, entre as décadas de 1940 e 1960. Para atender ao objetivo proposto, os documentos são analisados a partir dos conceitos de civilidade e de representação. A metodologia empregada é a análise documental e arquivística. Os impressos analisados, como tantos outros da mesma tipologia, ocupam um lugar importante na educação não escolarizada, sobretudo das mulheres, em um período no qual as representações do feminino e o seu espaço na sociedade sofreram as consequências da expansão da urbanização. As conclusões, ainda iniciais, apontam que a revista “Para Moças” produz um discurso prescritivo, de cunho moral, focado na educação da mulher urbana. Visava a produzir comportamentos galgados nos preceitos e nos valores morais e nos bons costumes, de forma a construir e difundir representações de mulheres recatadas, obedientes, religiosas e cujo destino natural e desejado era o matrimônio.

Palavras-chave: Impressos de cunho civilizador. Civilidade. Cultura escrita. Relações de Gênero.

“DO NOT PAY ATTENTION TO THE VOICE OF THE MERMAIDS!”: the feminine daily routine on the magazine “Para Moças” (1940/1960)

ABSTRACT

This research seeks to understand the use of civilizational printed media, published at the beginning of the first quarter of the 20th century, and its relationship with the feminine daily routine related to social practices, with emphasis on moral prescriptions and on the gender relations they approach. The investigated sources consist of six editions of the magazine "Para Moças" ("For Young Ladies"), created by Fr. Eliseu and published possibly between the decades of 1940 and/or 1960. To meet the aim of this study, the documents are analyzed from the concepts of civility and representation. The employed method is the documentary and archival analysis. The analyzed printed magazines, as other media of the same type, occupy a key place in non-schooling education, over all for women, at a time in which the feminine representations and their place in society had suffered the consequences of the expansion of urbanization. The conclusions, still partial, point that the magazine "Para Moças" produces a prescriptive discourse, of moral order, focused on the education of urban women. It aimed at inducing behaviors based on moral assumptions and values, on good habits, in order to construct and to spread representations of coy, obedient, religious women, whose natural and desired destination was marriage.

Key-words: Civilizational printed media. Civility. Written culture. Gender relations.

“NO PRESTEN ATENCIÓN A LA VOZ DE LAS SIRENAS!”: el cotidiano femenino en la revista “Para Moças” (1940/1960)

RESUMEN

Esta investigación busca entender el uso de materiales impresos de carácter civilizatorio, publicados al principio del primer cuarto del siglo XX, y su relación con la vida cotidiana femenina incluida en las prácticas sociales, con énfasis en las prescripciones de orden moral y en las relaciones de género presentes en esas prescripciones. Las fuentes investigadas consisten en seis ediciones de la revista "Para Moças" ("Para Señoritas"), creada por P. Eliseu y publicada, posiblemente, entre las décadas de 1940 y/o 1960. Para alcanzar el objetivo propuesto, los documentos son analizados desde los conceptos de civilidad y representación. La metodología empleada es el análisis documental y archivístico. Los impresos examinados, como tantos otros del mismo tipo, ocupan un lugar importante en la educación no escolarizada, sobre todo de las mujeres, en un período en el cual las representaciones del femenino y su espacio en la sociedad sufrían las consecuencias de la extensión de la urbanización. Las conclusiones, aún iniciales, apuntan que la revista "Para Moças" produce un discurso prescriptivo, de carácter moral, centrado en la educación de la mujer urbana. Tuvo como objetivo producir comportamientos basados en las reglas y los valores morales, en las buenas costumbres, para construir y difundir representaciones de mujeres recatadas, obedientes, religiosas y cuya destinación natural y deseada era el matrimonio.

Palabras clave: Impresos de carácter civilizador. Civilidad. Cultura escrita.

Relaciones de género.

Introdução

O estudo realizado é um recorte do projeto “Instituições escolares na região metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos: acervos, memória e cultura escolar – séc. XIX e XX”, ao qual se vincula o subprojeto “Escrever para lembrar: a cultura escrita como objeto de análise”. Ambos compõem as investigações ligadas ao grupo de pesquisas EBRAMIC¹. Tem como objetivo analisar as prescrições de ordem moral, centradas na educação feminina, cuja finalidade é a preparação para o casamento. De modo geral, o conjunto de representações presentes nos documentos analisados permite compreender, em certa medida, as relações de gênero inscritas nas práticas sociais.

Nesta investigação, foram analisadas seis edições da revista “Para Moças”². A pesquisa é baseada na metodologia de análise documental e arquivística, a qual possibilita “a realização crítica histórica sob seu ângulo material e sua expressão simbólica” (TUPY, SAMARA, 2007, p. 118). O processo de analisar impressos está vinculado aos estudos da Cultura Escrita, que compreendemos “como um lugar, tanto simbólico quanto material, que o escrito ocupa em/para determinada sociedade, grupo” (CASTILLO, 2002, p. 15).

A revista “Para Moças” é entendida como um impresso de cunho civilizatório, o qual foi produzido e disseminado na sociedade brasileira no início do século XX. Esse tipo de literatura foi marcado pela prescrição de regras de etiqueta, de cortesia e de correção dos modos, além de servir como guia para um bom comportamento no que se refere a namoro, a noivado, a casamento e a tantas outras práticas sociais. Segundo Maria do Carmo Teixeira Rainho (1995), esse tipo de literatura de civilidade compõe um *corpus* agregado ao

¹ EBRAMIC. Educação no Brasil: memórias, instituições e cultura escolar.

² Esses impressos fazem parte de um conjunto de três coleções: “É verdade que...”, “Para moças” e “Pensando em casar”, todos provenientes do acervo do Instituto Anchieta. Os materiais foram transferidos para a UNISINOS e doados ao Acervo de Documentação Escolar do Grupo de Pesquisa EBRAMIC.

cotidiano urbano que visa à propagação de uma ordem, daquilo que precisa ser aprendido e ensinado e que é considerado civilizado. Os impressos são, então, uma espécie de ferramenta que permite compreender as novas transformações sociais que avançavam na época.

Tal *corpus* materializa-se em numerosos escritos colocados à venda ao grande público e disponibilizados em diversos estabelecimentos, como as instituições educativas, sobretudo os colégios católicos nos cursos para a formação de professoras. Segundo Maria Teresa dos Santos Cunha (2005, p. 3),

Nas décadas entre 1930 e 1960, manuais de civilidade e etiqueta começam a figurar com bastante frequência nas estantes de bibliotecas das Escolas Normais. Na maior parte das vezes estes livros compunham o material didático utilizado em aulas de variadas disciplinas, como Educação Moral e Cívica, Economia Doméstica, Higiene, Literatura e Didática que eram ministradas como parte dos currículos oficiais para a formação de professoras e professores do chamado Ensino Primário. Assim, inculcar formas civilizadas de conduta pessoal e moral e desfilar suas próprias marcas de etiqueta social eram aspectos desenvolvidos como um saber escolar.

A necessidade desse tipo de produção advém da preocupação em transformar o Brasil – que, até o final do século XIX e o início do século XX, possuía características rurais – em uma sociedade que perseguia os preceitos da urbanização. Para que o país absorvesse as características urbanas, os impressos de cunho civilizatório emergiram como instrumento para a reorganização geral e para a criação de normas consideradas adequadas às relações sociais e às de comportamento.

Para Cunha (2005, p. 3), “os manuais de civilidade eram considerados vetores de sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos morais e sociais”. Em seu conteúdo, eram publicados diversos conselhos, orientações e regras que tinham como objetivo transmitir e prezar pelas atenções e pelos cuidados que cada indivíduo deveria ter com o outro, em diversos espaços. Diante disso, é necessário entender esses antigos paradigmas traduzidos em tais impressos para que, por meio deles, seja possível

identificar as intenções da sociedade no processo de construção de determinado *ethos*³ feminino e no modo como isso reverbera na sociedade atual.

Os valores e os códigos morais e sociais perpetuados por esses impressos visavam a promover a formação de pessoas – nesse caso, de mulheres refinadas – resultando na construção de uma sociedade civilizada. Quanto a esse aspecto, Jacques Revel (1991, p. 166), ao definir civilidade, afirma: “civilidade é, acima de tudo, uma arte sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros, um modo estritamente regulamentado de se mostrar a identidade que se deseja ver reconhecida”.

Sendo assim, é possível afirmar que, a partir desses impressos, eram produzidas e difundidas não apenas representações de civilidade, mas também representações do feminino. Segundo Chartier (2002, p. 17),

As representações do mundo social [...], embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Com essa afirmação, o autor traz a ideia da representação como uma ferramenta de internalização simbólica que emerge a partir das práticas socialmente desejáveis e culturalmente construídas em determinados grupos. Independentemente das vontades individuais, esse processo produzia e construía atos e ações que influenciaram condutas. Assim, as representações dos impressos afetavam diretamente os comportamentos e eram internalizadas por suas leitoras.

No caso das representações das mulheres, estabelece-se um conjunto de significados que permitem estudos referentes às relações de gênero, implicadas

³ Nesta pesquisa, entendemos *ethos* como o “conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres, etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças) característicos de uma determinada coletividade, época ou região” (ETHOS, 2009 *apud* CUNHA; BIANCHETTI, 2019, p. 846). (ETHOS. *In*: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009).

nos discursos prescritivos. Tais relações são entendidas, a partir de Scott, como um “meio de falar de sistemas de relações sociais entre sexos que [...] rejeita a validade interpretativa de esferas separadas.” (1995, p. 13).

1. A revista “Para Moças”: primeiras aproximações

Ao compreender o objeto impresso como um todo, Robert Darnton (1990) propõe um modelo geral de análise, o qual permite perceber como os livros surgem e se difundem na sociedade. Embora possuam condições variadas e modifiquem-se de um lugar para o outro, eles passam pelo mesmo ‘ciclo de vida’. Para analisar o processo de produção e de circulação dos impressos, Darnton propõe um circuito de comunicação composto por cinco etapas: do autor ao editor; do editor ao impressor; do impressor ao distribuidor; do distribuidor ao vendedor; do vendedor ao leitor. Embora não seja tomado como metodologia central de análise, esse ‘ciclo de vida’ permite analisar alguns elementos da revista “Para Moças”.

Inicialmente, destaca-se que a revista “Para moças” foi criada por P. Eliseu, sendo parte de uma coleção intitulada “Vida em Flor”. O impresso possui formato retangular, com 18 cm de comprimento e 13,3 cm de largura e o número de páginas varia entre 32 e 48. Em relação à edição, a revista era produzida pela Editora Paulinas, que fabrica livros religiosos de cunho moralizante – a coleção “Para Moças” não foge à regra.

Sua materialidade é singela: trata-se de livros pequenos, com baixo número de páginas e impressos em um papel barato. Por esse motivo, deduz-se que não tinha um custo elevado, sendo de fácil acesso a camadas sociais de baixo poder aquisitivo. O Quadro 1 apresenta as principais informações do impresso:

Número	Título	Páginas	Capa
1	Criai em vós uma alma de aço!	? ⁴	?
2	Não prestem atenção à voz das sereias!	32	Verde
3	Para não desviar da rota!	36	Laranja
4	Viçosas como flores!	32	Vermelha
5	Não sejam almas vulgares!	32	Lilás
6	Dê-me os seus vinte anos,	?	?
7	De pé, nobres corações!	?	?
8	Há quem se ri delas!	?	?
9	Quando o coração faz toc... toc!	48	Amarela
10	Cuidado com a paixão!	32	Azul

Quadro 1 - Informações dos números da Revista “Para Moças”⁵.
 Fonte: Elaboração própria.

A análise das capas permite afirmar que a revista veiculava representações do feminino construídas a partir de um recorte social, pois apresentavam estampas de mulheres jovens, brancas e bem-vestidas. Ilustradas com expressões contidas, geralmente sérias, essas moças manifestam em seus trejeitos um olhar vago, uma tez meiga e uma postura sonhadora. O modelo, então, reproduz-se de maneira distante da realidade social e cultural de grande parte do contingente feminino de um Brasil da temporalidade analisada. Vale ressaltar que o fundo das imagens das capas tem cores fortes.



Imagem 1 - Aspectos da materialidade da revista “Para Moças”. Fonte: Elaboração própria.

⁴ O sinal “?” é utilizado para demonstrar que as informações referentes à edição não foram encontradas.

⁵ As edições da revista não apresentam a data de publicação. Algumas aproximações com outros estudos e com os elementos do impresso permitem afirmar que, possivelmente, ele tenha sido produzido entre 1940 e 1960. Dessa forma, embora os impressos de cunho civilizatório marquem, em especial, o primeiro quartel do século XX, nosso estudo centra sobre o período dos opúsculos analisados.

Por sua vez, o conteúdo interno dos impressos busca realizar um diálogo mais íntimo e pessoal, de forma que as leitoras se vejam como detentoras dos preceitos morais e como um modelo a ser seguido. Desse modo, procura-se representar uma mulher equilibrada, sóbria, de caráter polido, com pouca ou nenhuma expressão que denote qualquer impudor. Nas capas, para chamamento da leitura, cria-se uma espécie de atmosfera de sabedoria e de segredo feminino, promovendo-se uma maturidade preparada para viver no ambiente urbano.

Os títulos do impresso são incisivos quanto às condutas desejadas: não dar atenção à sedução feminina, à sensualidade que a mulher “possui por origem”; não ser vulgar; não se desviar do caminho moral; ser sensível, tímida e reverente; seguir regras para o amor e para o matrimônio e ter o máximo de cuidado com a paixão.

Segundo Cunha (1999), ao olharmos para a materialidade das capas, dos títulos, das disposições tipográficas, dos discursos e da suavidade da linguagem, conseguimos analisar as estratégias e os dispositivos que contribuíram para uma educação cotidiana feminina de sensibilidade, de romantismo, de pureza e de polidez frente às figuras masculinas e à sociedade, bem como para o favorecimento desse imaginário de encantamento, considerando a leitura como uma prática cultural. Com isso, a leitura é absorvida pela sociedade, formando um complexo de crenças, de moralidade e de costumes, todos manifestando-se como parte da cultura vigente.

Cunha, referindo-se especificamente aos manuais de civilidade, afirma que esses materiais “apresentavam conselhos e regras que investiam na tentativa de gerar ponderações e comportamentos que deveriam ser seguidos, tanto nas esferas públicas quanto privadas” (2005, p. 350). Seus ideais eram internalizados por meio de práticas discursivas para uma contenção social sobre o comportamento das ideias e do corpo. Nenhum âmbito foi excluído de sua circulação – até o contexto escolar foi inserido. Nesse sentido, levando em conta a bagagem moral e religiosa que os escritos carregavam, eles certamente

ocuparam um lugar importante na educação escolarizada nas décadas de maior circulação. Com a análise desses impressos, percebemos que a sociedade queria transmitir, pelas instituições educativas e pelos demais espaços em que essas publicações circulavam, valores como o patriotismo, a etiqueta, a moralidade, a correção e o catolicismo (CUNHA, 2005).

Com esses pressupostos em voga, era de se imaginar que a representação da mulher e o seu papel também sofressem grandes consequências através desses parâmetros idealizados e instituídos no processo de civilizar. O controle dos desejos pessoais, as formas de tratamento de determinados cidadãos, as diferenças entre o feminino e o masculino, entre outros, constituíram-se, a partir das primeiras décadas do século XX, em um programa de civilidade que percebemos estar inscrito em cada página dos documentos analisados. Os títulos já apontam para as representações de feminino – “Viçosas como flores!” (n. 4); “Não sejam almas vulgares!” (n. 5); “Cuidado com a paixão!” (n. 10), chamando atenção para a importância de ter viço, de não ser vulgar e de ter uma moral ilibada.

2. Para casar é preciso...

A coleção intitulada “Para moças”, em consonância com os manuais estudados por Cunha (1999; 2005), imprimia regras de etiqueta e de como se portar. Escritos com o objetivo de serem facilmente absorvidos, os seus textos abordam histórias de virtudes resgatadas, promovem a desconstrução de comportamentos indesejáveis e a contenção de instintos, trazendo um modelo de *ethos* feminino bastante definitivo.

As mulheres deveriam saber como agir com figuras masculinas, em espaços públicos ou privados, acompanhadas ou sozinhas, bem como aprender a observar a natureza do novo mundo urbano. Todos os textos possuíam aprovação eclesiástica e eram escritos, como já mencionado, pelo autor P. Eliseu, demonstrando o poder significativo que a Igreja exercia sobre o comportamento social. Os impressos eram divididos em temáticas sobre as quais eram prescritas

várias formas de comportamento. Destacamos aqui os seguintes números: 2- “Não presteis atenção à voz das sereias!”; 3- “Para não desviar da rota!”; 4- “Viçosas como flores!”; 5- “Não sejam almas vulgares!”; 9- “Quando o coração faz toc... toc!” e 10- “Cuidado com a paixão!”. A partir deles, elegemos seis categorias de análise: pureza e castidade; moral; virtuosidade e pureza; inocência e vulgaridade; matrimônio; e paixão.

2.1. Pureza e castidade

O opúsculo que traz o título “Não presteis atenção à voz das sereias!” tem como temática central a castidade e a pureza *versus* a sedução. No prefácio, o autor explica do que se trata a edição e qual sua intenção ao escrever sobre essa temática.

Jovens, as palavras que escolhi para título destas páginas dedicadas a vocês, são uma prece, uma súplica: porque ao ver a depressão moral por que a nossa sociedade está passando, sacerdote não poderia de forma alguma furtar-se a trabalhar até conseguir que ela se levante.

[...]

- Não queiram prestar atenção à voz das sereias! Guardem o coração de vocês; êle, efetivamente, do mesmo modo que as pode erguer muito alto, pode também fazê-las cair muito em baixo. Conservem a todo o custo aquela virtude tão preciosa que é a pureza, para que seja sempre verdade aquilo que se dizia antigamente: “Deus fêz duas coisas perfeitas neste mundo: a rosa quando é fresca e a jovem quando é pura”.

Não prestando atenção à voz das sereias vocês terão almas grandes e belas, produzirão copiosos frutos, experimentarão o sabor duma liberdade sem igual, alegrias profundíssimas” (P. ELISEU, prefácio, p. 4).

Esses são trechos que se configuram como uma chamada para o contexto abordado na publicação. A partir de uma ideia de recompensa, tanto divina quanto moral, a proposta é que, com a leitura da revista, as mulheres se apropriem de seu conteúdo e se transformem em corações puros, devotas à igreja.

O primeiro capítulo, “I, a inimiga”, inicia-se com uma lenda que remete ao canto de uma sereia que está tentando encantar homens em uma embarcação. Ainda que o príncipe seja o único fascinado pelo seu canto, a embarcação parte e desaparece, deixando a sereia em “perpétuo orgulho”. Com tal analogia

pedagógica, P. Eliseu descreve que esse seria o símbolo do vício que assolava a época. Isso significaria a “impureza”, a qual destruiria a moral, “sujando a alma e o corpo” (p. 6), ou seja, a sensualidade seria o que ele chama de algo “vergonhoso e desonesto, porque repele todo o pudor” (p. 6).

Trata-se de premissas interessantes se pensarmos que essas publicações são feitas para mulheres. O autor já pressupõe que as próprias mulheres, possuidoras dessa sensualidade que encanta os homens e os cega, irá influenciá-los a pecar de corpo e alma e, desse modo, elas devem repensar como destruir esse instinto que já nasce com elas. Assim, a culpa seria feminina e remeteria ao pecado original, à tentação que acometeria à mulher e que, por fim, influenciaria o homem a cair em tentação.

O texto segue contando uma outra história a respeito da “casta de Susana”. Susana era uma escrava judia que tinha uma “perfeita beleza e virtude” (p. 6). Havia dois anciãos – entende-se, segundo o dicionário Aurélio, ancião como “pessoa velha e respeitável” – manifestando intenções e propostas sujas, pois eles “conceberam uma criminosa paixão” (p. 6) por essa mulher. Logo, eles começaram a culpá-la pelos atos que ela não concordou em fazer. Ela imediatamente preferiu perder a reputação e até correr risco de vida pela punição que sofreria por um crime que não cometera, tudo em nome de sua castidade e pureza. Porém, posteriormente apareceu um homem chamado Daniel, que reverteu o processo com o apoio da multidão, e Susana foi inocentada.

Podemos visualizar aqui alguns aspectos da narrativa: ela inclui dois homens mais velhos apaixonados por uma jovem, desejando tirar proveito de sua beleza, por idealizar uma possível sensualidade originária do gênero feminino. Ainda assim, o que é saudado e admirado é a postura da jovem por não deixar qualquer proposta indecente e sexual afetá-la moralmente. Além disso, obviamente, Susana precisaria de um salvador do sexo masculino, encarnado na figura do Daniel.

Fechem os ouvidos à voz daquela outra sereia que, ou antes, ou depois, se fará ouvir e que se chama paixão. Talvez já tenha soado para vocês, jovens, a hora daquelas vagas perturbações, daqueles estranhos chamamentos, daqueles

estímulos até aqui desconhecidos, que revolucionam todo o ser. Ah! Tenham cuidado em não entregarem a vida em poder dos caprichos desenfreados da carne. Seria o mesmo que consentirem em que as ligassem com cordas sobre um cavalo fogoso, que as transportassem entorpecidas a um lugar onde nunca desejariam pôr os pés, sem permitir uma resistência. Melhor será... Que se agarrem ao mastro⁶ (P. Eliseu, p. 9-10).

No trecho que se segue, observamos, como tema central, a importância de resistir a Satanás e às suas emboscadas. Nessa perspectiva, folhear certos livros, ler certos romances, revistas e ilustrações, participar de bailes e reuniões mundanas é um perigo. Uma jovem que escuta esses chamamentos não possui fé ou religião, apenas desejo, ansiando prazer – o que é, obviamente, condenado. Destacamos ainda a maneira como P. Eliseu escreve seus textos: de forma paternalista, ou seja, como um pai, um amigo, um conselheiro digno de ser escutado, por ser envolvido de virtude. É esse aspecto que lhe dá legitimidade absoluta, considerando o seu vínculo com a Igreja.

Desde a algum tempo que estou saturada de tudo: da religião, das minhas ocupações. Se eu pudesse fazer o que a vontade me pede, voltaria com as costas ao trabalho e iria para os divertimentos. Já não posso suportar a mínima censura por parte dos meus pais. Já não rezo: a dúvida apoderou-se do meu cérebro... O céu?... O inferno?... Será realmente verdade?... (P. Eliseu, p. 13).

Esse outro trecho remete a uma confissão de uma jovem ouvida pelo P. Eliseu. Para ele, a impureza havia destruído toda a sua fé e o verdadeiro amor. Segundo essa visão, não se pode questionar e nem pensar a respeito da própria vida. Além disso, o conceito de divertimento não seria prudente para mulheres de boa índole. Nesse sentido, indagar a religião significava o mais profundo desrespeito que uma jovem poderia demonstrar.

O restante do manual possui seu conteúdo fixado nestas ideias: a necessidade de as mulheres focarem em um caminho correto para se distanciarem da sedução e da sensualidade; a importância de observar os exemplos santos de vitórias contra os desejos carnis e a busca de refúgio na Igreja por meio da ajuda de um padre. As mulheres jamais deveriam perderem-

⁶ Optamos em preservar a ortografia da época nos excertos.

se em meio ao cinema, à moda, ao sexo e às demais liberdades individuais que lhes dariam, em última análise, mais autonomia. Assim, a mensagem era evidente: *não prestei atenção à voz das sereias!* Não preste atenção aos seus anseios, ao seu íntimo, ao seu próprio eu.

2.2. A rota a ser buscada: a moral

O opúsculo que se intitula “Para não desviar da rota!” possui uma linguagem com um pouco mais de ordem e desígnios por parte de P. Eliseu. Destaca a feracidade com que a juventude pode fazer as mulheres se desviarem de seus caminhos virtuosos. Indica ainda o quanto um *piloto* qualificado é necessário para ajudá-las a guiar suas vidas. Inicia com uma narrativa de uma barca sofrendo a violência do mar com seus pescadores assustados, enquanto Jesus dormia tranquilamente no meio dela. Ao ouvir o socorro dos pescadores, ordena ao mar que se acalme, sendo assim, essa figura seria a única que conseguiria orientar as almas femininas. Então, “escolham. Porque, se quiserem orientação na devoção, devem escolher um homem de bem que as guie e as conduza.” (p. 7). O discurso fundamenta-se em uma relação em que as mulheres não conseguem conduzir a si mesmas e precisam de uma figura masculina, pura e maior do que elas, para que ajam de acordo com a vontade divina.

Nesse sentido, ele destaca: “na escolha, não se deixem guiar nem por considerações humanas nem por conselheiros mais ou menos suspeitos. Muitas jovens pouco sérias deixam-se arrastar por amigas que não são boas” (p. 7). As mulheres também não deveriam confiar umas nas outras, sendo preciso estar sempre alerta.

P. Eliseu segue escrevendo:

[...] não é muito fácil conhecerem-nos a nós, mulheres. Quando as tiverem confessado durante alguns anos, hão de ficar admiradas de não as terem compreendido: é que elas não dão conta de si mesmas para exporem o montão dos seus pecados, e as julgam apenas pelo que elas lhes contam”.

Quem escreveu isso? Uma mulher: santa Teresa. Numa carta ao Padre Mariano, com data de 26 de outubro de 1576. Sim, muitas jovens levam sempre perante o Sagrado Tribunal as sinuosidades da índole humana. É raro irem direitas ao fim

em linha reta: tomam habitualmente por caminhos em oblíquo, tal como nas suas cartas em que escrevem no postriptum a idéia principal... (P. Eliseu, p. 9-10).

Nesse fragmento, P. Eliseu recorre a escritos de Santa Teresa, os quais retomam a ideia da mulher como pecadora. Talvez, ao procurar textos de autoria feminina, P. Eliseu buscasse reforçar a legitimidade de seus próprios escritos, os quais estão em consonância com o apontado por uma mulher, nesse caso, por uma 'santa'. Trata-se de um meio de legitimação das verdades do gênero feminino. Se uma mulher, santa e virtuosa, declarava, com toda a sua sabedoria, que as mulheres obscureciam algumas confissões ou mesmo mentiam sobre elas, seria porque talvez isso realmente acontecesse. A mensagem é: não sejam mentirosas, não escondam nada sobre as suas vidas dos seus guias, ou seja, dos padres.

O impresso continua assertivo em suas prescrições: os autores não estariam escrevendo para atuarem como conselheiros banais, de futilidades. Não se tratava de amigos a quem as mulheres poderiam recorrer para superar determinada dificuldade ou defeito. As jovens deveriam ser diretas, sucintas, desnudando o âmago de seus piores desejos íntimos e das suas mais sujas ações. Nesse âmbito, a relação entre o guia escolhido e a jovem deveria ser duradoura, secreta, um momento que aconteceria só entre os dois, como confidentes. Não era permitido comentar com outras jovens o que lhes era dito nessas confissões.

A construção da narrativa dessa publicação gira em torno da necessidade de a mulher ter um mentor homem possuidor da divindade e sábio, uma vez que ela não conseguiria ter ações e nem pensamentos puros e castos. Nessa perspectiva, pensar por seus próprios meios significaria pensar errado e não contar à Igreja todas as suas intenções e práticas, tanto públicas quanto privadas, seria negar a verdade a Deus. Desse modo, a mulher estaria fugindo da rota certa que a tornaria útil à sociedade. P. Eliseu ainda discorre detalhadamente sobre algumas dicas de como conversar com o seu *guia* e de

como se comportar depois da confissão. As mulheres, seguindo seu roteiro, jamais tomariam outra rota, se não a mais pura.

No capítulo III dessa publicação, intitulado “Preciosas Vantagens”, o autor destaca a importância da constância em suas resoluções, do conhecimento do caminho a seguir e da necessidade de ajuda e de proteção (inclusive de outras mulheres). Segundo a publicação, o conhecimento individual não vem de uma reflexão pessoal ou de uma compreensão interna, própria do ser humano, que respeita sua identidade e sua singularidade. Ele vem de um ser supremo, personificado por uma instituição e por seu representante – no caso da Igreja, seria o Padre. Assim, a mulher só conheceria a si mesma se prestasse contas junto à Igreja e ao seu guia constantemente.

Aqui está, jovens, o que as espera: luz, força, consolação, perão, alegria, auxílio e proteção... contando que tomem a bordo o piloto que Deus lhes destina. Possam vocês, como os apóstolos no lago de Genesaret, ter na barca esse piloto, esse padre, esse outro Cristo! Procurem-no: e quando o tiverem encontrado, entreguem-se nas suas mãos; confiem-se à sua habilidade de velho lobo do mar, ao seu conhecimento dos escolhos, à sua experiência do passado, à sua prudência, à sua consciência das responsabilidades.

[...] Não vogarão à deriva, mas com todas as velas desfraldada navegarão em direção ao Ideal... A caminho! E confiança! (P. Eliseu, p. 36).

O controle das relações também é constante nesse impresso. Qualquer contato, troca de informações ou conversa que não possuísse o foco devoto e correto deveria ser descartado. O consumo de veículos de leitura midiáticos, desvinculados da religião, também precisaria ser eliminado do cotidiano da jovem para que a vida casta ganhasse espaço no processo de internalização das representações construídas no discurso desse opúsculo. Nesse volume, em relação ao anterior, vemos uma queda na linguagem sutil e um reforço de um conteúdo carregado de religiosidade, incluindo signos mais vigorosos com sentenças mais enfáticas com relação ao papel da Igreja. P. Eliseu não se utiliza mais de tantas parábolas e de histórias religiosas: é mais direto e sem floreios, o que mostra a centralidade do conteúdo moralizante cada vez mais acentuado.

2.3. Virtuosiidade e pureza

Segundo o dicionário Michaelis Online (2019), a palavra “viçosa” significa:

1. Que tem viço; que vegeta com força e que se desenvolve com vigor; ridente.
2. Coberto de verduras; em que as plantas vicejam com exuberância; viçada, vicejante.
3. Que é verde e revela frescor; que não está murcho; verdejante, virente.
4. Cheio de energia e força juvenil; vigor.
5. Bem tratado, com boa aparência.
6. Que ainda é novo e tenro; que não tem experiência.
7. Tratado com mimos e regalos; mimado (VIÇOSO, 2019).

O impresso “Viçosas como flores!” traz exatamente a ideia de que a juventude feminina ainda não seria impura, afinal, não teria tido experiência com grandes tentações, sendo, portanto, possuidora de ampla energia para superar os percalços. Desse modo, uma jovem precisaria manter-se forte e com vigor para jamais cometer os erros apaixonados ou se desvirtuar do caminho da pureza e da moral. P. Eliseu destaca:

Moças, se ainda não as conheceram, hão de conhecer as terríveis horas da tentação: cedo ou tarde aprenderão o que há de rude na profissão de jovens cristãs. De fato (porque hei de escondê-lo?) os grandes, os laboriosos combates estão reservados à juventude. É uma hora mais do que nenhuma outra terrível, aquela em que se desencadeiam as paixões! Nessa idade, mais do que em qualquer outra, e mais violento o embate entre o bem e o mal, e mais vivo o contraste entre o espírito e a carne; o mundo tem para ela maiores atrativos e Satanás, inimigo jurado das almas, aproveita-se de tudo para reacender a centelha que esconde debaixo da cinza, para tirar depois o incêndio e conduzi-las ao abismo [...] (P. Eliseu, p. 5-6).

Claramente, trata-se de uma mensagem para as mulheres que estavam na adolescência, fase em que se descobrem os desejos e os novos amores. Aqui podemos ver a linguagem com que P. Eliseu reforça os perigos de ouvir esses instintos pessoais, salientando que a alma daquela que infringisse os limites estabelecidos pelo impresso teria o pior dos castigos. Ler determinados livros, olhar determinadas fotos e veículos midiáticos que, de alguma forma, poderiam reforçar desejos sexuais, amorosos e íntimos seriam dimensões da sociedade salientadas pela “linguagem do tentador” (p. 06). Prestar atenção ao mundo, aos eventos e aos acontecimentos sociais não relacionados à família, à pátria ou à Igreja era tido como uma tentação a resistir. No mais, mesmo que a mocidade fosse uma experiência vivenciada só uma vez, não se deveria ter regalias de nenhuma forma. Nesse sentido, todas as promessas de prazeres ou de

intenções impróprias, “travestidas” de felicidade, deveriam ser excluídas de suas realidades.

A representação de um arquétipo de mulher que precisa negar completamente seu íntimo para continuar sendo respeitada, mantendo-se digna e pura, é o tema que gere esse opúsculo. Ele se soma a outros temas correlatos, como a pureza, a virgindade, a castidade, o matrimônio e as relações da mulher com seu próprio interior. O autor continua dando exemplos de mulheres como Joana d’Arc, que jamais saíram da Igreja e que deram suas vidas heroicamente pela Instituição. Traz também depoimentos de outras mulheres que, depois de manterem o hábito de se arrependem e de comungarem, encontraram na Igreja a coragem para silenciar o tentador e as suas tentações.

Interessante é que, nessa publicação, o autor não varia sua estratégia de linguagem, destacando sempre o “Novo Mundo” e as suas transformações como sendo carregadas do tal “tentador”. Esse arquétipo seria aquele que provocaria a tragédia de insinuar questões proibidas à alma da mulher. Segundo Almeida (2014, p. 237),

O mundo ocidental, o século XX, em seus anos iniciais, plasmou atores sociais diferenciados e respaldados pelos princípios liberais que defendiam a liberdade, a individualidade e a igualdade entre homens e mulheres, embora emoldurados pelas normas sociais vigentes. No plano educacional, em países como Portugal e Brasil, a expansão da demanda pela escola não refletiu as necessidades efetivas do desenvolvimento econômico por caminhar em sentido inverso ao das necessidades sociais [...]. Alinhada ao poder dominante, a educação desempenhou o mesmo papel conservador dos anos pré-republicanos e as transformações operadas em ambos os países possibilitaram a abertura de um espaço político para a classe média que ampliava suas exigências educacionais.

Com isso, entendemos que, mesmo que as transformações sociais estivessem acontecendo em pleno vapor no primeiro quartel do século XX, a forma como o Brasil lidou com ela foi conservadora. A escola, que participou dessa questão, reverberou essa tentativa de manter o controle social por meio de representações que contiveram aquilo que seria novo, impedindo tudo o que não respaldasse a Pátria, os bons costumes e a Igreja. Ela continua:

Para os diversos setores do ambiente citadino, as leis naturais tinham estabelecido o lugar das mulheres no lar e o dos homens na vida pública. Juntar seres tão diversos e com destinação social diferente se constituía numa inobservância das leis divinas e da natureza; subverter essa ordem seria desobedecer a Deus. Uma educação diferenciada para meninos e meninas, de acordo com a herança do passado, não poderia ter seus princípios alterados por ser antinatural e fundamental para a estabilidade do arcabouço familiar. Em nome de Deus, da Família e da Pátria, se mantinha o lugar das mulheres restrito ao recesso do lar, e as diferenças biológicas se constituíam em aval para a opressão e submissão aos jogos do poder (ALMEIDA, 2014, p. 239).

Esses impressos eram famosos e circulavam em diversos setores sociais, porque traduziam diretamente o papel de Deus, da Família e da Pátria. Na questão do *ethos* feminino, tratava-se de enaltecer uma jovem mulher moral, pura, que não se envolvesse em assuntos que não lhe convinham no espaço público e que representasse bem a sua função em um matrimônio de respeito, formando, assim, uma família obediente – o que se traduzia em manter-se na esfera privada.

2.4. Inocência e vulgaridade

O opúsculo “Não sejam almas vulgares!”, volume 5, parece uma continuidade do anterior. O próprio título é direto, não faz uso de metáfora. Seu prefácio inicia da seguinte forma:

O título com que encimei estas páginas escritas para vocês obedeceu à intenção de adverti-las contra a perniciosa máxima que tenho recolhido dos lábios de muitas moças: Quero viver, quero viver minha vida.

Oh, como se condoi o coração do sacerdote que se preocupa com o bem dessas almas juvenis! Semelhante máxima não exprime a vontade de se esforçarem por qualquer coisa de grande, de belo, capaz de merecer a admiração das pessoas honestas, mas a vontade de se libertarem de todos os laços e de procurarem, por todos os meios, ainda os mais vulgares, as satisfações que essas moças têm sonhado e querem saborear... Sim, é necessário viver a própria vida, mas a de filhos de Deus e da Igreja: em suma, uma vida cristã (P. Eliseu, p. 03).

Trata-se de um interessante chamamento, principalmente se buscarmos, novamente, a etimologia da palavra “vulgar”: ela vem do latim *vulgaris*, consistindo em uma derivação de *vulgus*, que significa *multidão*. Vulgar é aquilo que é usado pelo povo. A primeira observação é que a definição mencionada

carrega um corte de diferença de classe. Ser vulgar é ter um comportamento de alguém que não sabe se comportar em sociedade, tornando-se inconveniente, sem demonstrar "bons modos" ou boa índole.

O recorte de classe produz um molde de educação, inspirado na moral ilibada e com o objetivo de transformar cada mulher em uma dama que falasse baixo e que soubesse se comportar em ambientes sociais sem chamar muita atenção para si. Ela deveria ser física e moralmente atraente para conquistar a admiração masculina e, conseqüentemente, um bom casamento.

A questão sexual é outro argumento: mulheres que "leem jornais e romances pornográficos, contanto que estejam na moda, deliciando-se com o cinema e fumando mais do que um homem" (p. 07) seriam mulheres que esquecem dos "reais interesses pelas grandes causas, como Cristo, a Igreja, o dever e a virtude" (p. 08). O "ideal" correto, ou seja, o maior princípio feminino seria a religiosidade e os bons costumes da família, sempre considerando uma perspectiva de que o mundo e todo o seu conteúdo imoral deveriam ser apartados da vida da mulher para que não a moldassem.

2.5. Matrimônio

Por que estas páginas escritas para vocês? Eu lhes explico imediatamente. Estamos atravessando uma hora em que se trama uma imensa conjura contra o matrimônio. O teatro apresenta aos nossos olhos apenas espetáculos em que triunfam o vício e a dissolução: o romance debilita todas as molas da alma feminina e quer manchar tudo o que de nobre e de imaculado pôs nela a religião: uma infinidade de jovens e de mulheres, embriagadas com as festas mundanas desconhecem e riem dos sagrados laços impostos pelo matrimônio. Pois bem, nesta hora, quero dar-lhes uma ideia mais sã, mais verdadeira, mais cristã, deste sacramento de que o grande Apóstolo disse: "Sacramentum hoc Magnum est": este Sacramento é grande. Possam estas páginas infundir no coração das que as lerem e sintam chamadas a fundar um lar, nobre desejo de serem esposas, santas mães, as quais darão cidadãos à pátria, filhos fiéis à Igreja e numerosas almas eleitas ao céu! (P. Eliseu, p. 03).

O opúsculo "Quando o coração faz toc... toc!", volume 9, tem como temática central o matrimônio. Embora atravesse o discurso de toda a coleção, nesse fascículo, ele é especialmente abordado. O objetivo mais nobre e sincero

na vida de uma dama deveria ser fundar um lar, mesmo que a juventude moderna contaminasse alguns preceitos do grande “ideal” que as moças deveriam possuir. Tratava-se de ver o casamento como a “criação sublime do Criador” (p. 09), pois ele seria “o símbolo da união de Cristo com a natureza humana” (p. 09), algo imprescindível a uma moça de virtuosa. Um casal em matrimônio teria uma condição mais sagrada, pois ambos seriam como Deus, ou seja, dando vida às novas vidas. Ainda que sem destaque, a posição masculina é lembrada nos ensinamentos desses descritos, embora mais importante seja a abordagem do comportamento feminino adequado, considerado essencial à condição de vida da mulher.

Para falar de matrimônio e de união, P. Eliseu precisou falar sobre a possibilidade de desunião. Eis que argumenta: “Por isso eu grito a quem quiser ouvir: Não toquem no matrimônio, que é uma coisa sagrada! Fora com o divórcio! Que o homem não separe o que Deus uniu!” (P. Eliseu, p. 09). Esse argumento é uma questão-chave para entendermos uma época em que o matrimônio tinha um simbolismo sagrado, como uma gloriosa missão na Terra. Uma mulher que sofria qualquer condição de submissão ou de violência estava encurralada pelo juramento sagrado ao homem. Além da separação, P. Eliseu condena os casamentos baseados em interesses financeiros e em bens materiais. A ligação deveria ser de alma e do coração, do contrário, geraria ideias e vontades que culminariam no divórcio. No mais, a paixão como fator matrimonial também não geraria bons frutos: atração e sensualidade são vistas como pecados e não seriam, portanto, dignas de mulheres casaduras.

Por volta dos dezenove ou vinte anos, vocês são impelidas, instigadas, aguilhoadas: são solicitadas em todos os tons para estarem prontas... E quantas bagagens vocês amontoam: conhecimentos clássicos, literários, artísticos, culinários, etc... E agora que estão a assomar os dezenove ou vinte anos, tudo o que se oferece é uma “sala de espera”!... [...] Estão condenadas a permanecer assim durante meses, anos, com a bagagem nos braços, com a mala na mão, com os olhos postos num caminho belo e pronto [...] (P. Eliseu, p. 13).

Nesse excerto, chamam-nos atenção duas questões: a preparação para o matrimônio começa bem antes dos vinte anos e é nessa época que a sensibilidade

com que Deus fará “toc toc” nos corações das jovens será mais sentida. A vida inteira de uma dama seria, assim, uma preparação para esse momento. Desse modo, escolher qualquer um, por qualquer motivo, sem uma grande reflexão, culminaria em algo indesejado, ou seja, em posterior divórcio. Diante disso, ele orienta que, se a jovem não se sentisse segura para abrir o seu coração com os seus progenitores, ela deveria rezar e conversar enquanto se confessava.

Segundo a revista, sexo ou qualquer outro contato carnal não seria digno da castidade. A mulher deveria manter-se pura para agradar à Igreja e a seu marido. Isso seria primordial e imprescindível, pois elas deveriam conservar “intacto o candor da pureza, que é mais delicado e frágil que o do lírio ou o da seda” (p. 20).

As mulheres deveriam escolher homens que tivessem a capacidade de trabalhar e de sustentar a família para o matrimônio, sem que, no entanto, a riqueza fosse um parâmetro. Gozar de uma boa saúde e ter mais ou menos a mesma condição e a mesma idade do que a parceira eram os conselhos encontrados. Eis a dica de como escolher um bom marido:

[...] um “homem”! Possivelmente, não um viúvo nem um pai de família. Vocês o farão no entanto, se quiserem praticar uma boa obra! Mas pensem nisso duas vezes: antes de se comprometerem, verifiquem cuidadosamente se estão fornecidas de uma verdadeira abnegação, se terão a coragem de amar quem já uma vez amou, de educar os filhos de outra mulher, e principalmente de se resignarem a ser madrastas (P. Eliseu, p. 20).

As dicas ainda recomendam uma total investigação sobre o homem: observar se ele bebe, se é preguiçoso, se é obediente, se tem boas qualidades. Tudo deveria ser levado em conta antes da grande decisão. Nesse sentido, uma mulher que vivesse um casamento de fachada nada acrescentaria para a sociedade. Por outro lado, aquela que apenas quisesse alguém bonito ou alguém que fosse músico, por exemplo, estaria à mercê de uma vida de mentiras.

Depois de feita a investigação, a preparação do matrimônio fecha o volume 4 do opúsculo. Recomenda-se conversar com os pais sobre a escolha. Além disso, era indicado não adquirir uma casa durante o namoro, que permitisse visitas longas

e grandes festas, nem passear em lugares isolados, escuros ou perigosos. Ele ainda destaca que as jovens deviam evitar demonstrar “desejos ilícitos” ou vivenciar momentos de intimidade antes do tempo. O autor conclui afirmando que a mulher deveria deixar seu marido livre para agir como lhe aprouvesse. Deveria, ainda, ser uma esposa submissa, quieta, pura e casta.

2.6. A paixão

O último impresso, “Cuidado com a paixão!”, reafirma a descrença em relacionamentos baseados em qualquer outro desejo e anseio que não seja o amor sincero e honesto, o que não seria um bom caminho. P. Eliseu reforça sua narrativa destacando que a paixão é cega e envolve os corações puros que não entendem a natureza da constância do amor. Ele trata principalmente das moças mais jovens, que precisariam estar atentas ao que o coração diz com sinceridade. Não deveriam se render à luxúria, atentando para que o homem desejado e escolhido fosse um indivíduo ideal para o matrimônio: “Que estranho título dado a estas páginas escritas para vocês! Será uma censura? Não; é um conselho: um conselho que, na idade em que o coração faz toc-toc, vale tanto ouro quanto pesa” (P. Eliseu, p. 03).

Nesse volume, observa-se a continuidade do pensamento que reforça as preleções do volume anterior. Contudo, a edição destaca que as jovens que se sentissem ansiosas para saber as características do futuro marido não deveriam obedecer a seus corações apaixonados e sair à procura de cartomantes e de leitores do futuro. Por isso, ele traz novamente a questão de ouvir terceiros sobre suas dúvidas matrimoniais. P. Eliseu chama isso de “vozes”:

Ora, vocês têm de tomar sérias deliberações. Talvez que nesta idade hesitem, vendo bifurcar-se diante de vocês o caminho da vida. Também vocês têm as “vozes”, que devem escutar no silêncio e no recolhimento... Porque aquele mesmo Deus que chama a si o apóstolo suscitando nele não sei que inextinguível sede de fazer o bem e que misteriosamente, atrai o coação da virgem a dar-se-lhe completamente, é o mesmo que lhes falou para fazê-las escolher a sublime missão de esposa e o sacerdócio da mãe. No meu opúsculo “Quando o coração faz toc-toc!” aconselhei-as a consultar as “vozes”! E vocês o fizeram? Pediram conselho aos pais, ao professor, e em primeiro lugar a Deus, para saberem se o

mocinho que lhes apresentava era justamente o que devia participar para sempre da sua vida? (P. Eliseu, p. 10).

Nesse sentido, a paixão consistiria em ter uma visão meramente exterior de alguém, tornando-se um anseio que só traria problemas. Segundo P. Eliseu, a procura de um homem correto e que não “bata as asas ainda antes do casamento” (p. 13) seria mais importante do que beleza, riqueza ou poder. Dessa forma, as mulheres deveriam refletir consigo mesmas sobre os prós e os contras do futuro marido.

Segundo a revista, existem várias formas de identificar aqueles homens que não estão à procura de casamento, ou seja, que querem tudo menos um compromisso sério. P. Eliseu não explicita sua opinião sobre eles, apenas salienta que não servem para o matrimônio. No entanto, do mesmo modo como o faz na edição anterior, o autor escreve um capítulo inteiro sobre como é importante conhecer quem é escolhido. Ele recomenda consultar as pessoas que o conhecem, dialogar com a família, rezar, conversar com um confessor e, principalmente, não se iludir. E, nesse contexto, retoma o valor do matrimônio e de todas as questões que lhe dizem respeito, exaltando a importância da coragem em uma união e o dever de não dar atenção aos homens vis.

A principal dica do autor é a intimidade: conhecer bem o homem de sua escolha é importante. Contudo, nunca se deve visitar o parceiro por períodos longos ou ficar a sós com ele por muito tempo durante o namoro. A intimidade teria de ser desenvolvida aos poucos, sempre aliada ao instinto. Segundo P. Eliseu, as leitoras jamais deveriam ser:

[...] tão loucas que supõem que o único meio infalível para conquistar um rapaz, prendê-lo a si para sempre é conceder-lhe devaneios de amor ilícitos e proibidos! Que loucura! Que imprudência! Ordinariamente, para as castigar Deus permite que o jovem as abandone, porque o casamento já lhe não oferecerá nada, além do aborrecimento que representa uma cadeia indissolúvel. Pobres desgraçadas! Supõem talvez que os homens, ainda os mais tolos, não ajuízam do valor das jovens frívolas? Não, um homem abstém-se sempre de fazer duma jovem sem compostura a própria esposa e a mãe dos seus filhos (P. ELISEU, p. 29).

De forma geral, o sexo antes do casamento era considerado proibido apenas para as mulheres. Para os homens, ficava implícito que não se tratava de um ato repreensível. Contudo, um homem jamais aceitaria o matrimônio com uma jovem que não fosse mais virgem e pura, mesmo que a relação ocorresse entre eles dois. Em síntese, a submissão da mulher é o discurso que perpassa todo o texto. Seu *ethos* é marcado por obediência, moralidade, pureza, subjugação, papéis a seguir e ordens que a conduzam.

Considerações finais

A revista “Para Moças” produz um discurso prescritivo, de cunho moral, focado na educação da mulher urbana. Visa a produzir comportamentos galgados nos preceitos, nos valores morais e nos bons costumes de forma a construir e a difundir representações de mulheres recatadas, obedientes, religiosas e cujo destino natural e desejado delas fosse o matrimônio.

As atitudes são moldadas em um cotidiano de serviço doméstico, de criação dos filhos e de auxílio à família e ao marido. Era recomendado ter comportamento sempre moderado, sem demonstrar emoções profundas ou temperamento ardente. As mulheres não deveriam se envolver jamais em trabalhos árduos, discussões intelectuais sobre a independência feminina e individual. Elas jamais podiam se dedicar a afazeres que as fizessem pensar além do construto social feito para elas. Dessa maneira, a vida privada é o que lhes caía bem.

Portanto, a educação da mulher era voltada às necessidades do lar. Tudo à sua volta produzia um arquétipo da jovem em busca da perfeição e da feminilidade: mãe, casada, estável e sempre a serviço do homem, da Igreja e da sociedade patriarcal.

O conteúdo dos manuais de civilidade, estudados profundamente por Cunha desde 1999, assim como esses opúsculos de cunho civilizatório, traziam regras e práticas de racionalização do cotidiano. A representação da figura feminina era descrita por meio de modelos de virtude, apresentando mulheres sempre doces,

discretas, que deveriam conter os seus instintos mais selvagens. A linguagem suave e polida, de que esses escritos se utilizavam, produzia uma repetição das normas de convivência social sempre de forma sedutora e convidativa.

Consistindo em uma expressão da vida cotidiana, muito dessas matrizes normativas era relacionado às expressões comportamentais, as quais eram a grande preocupação da Igreja Católica em sua inclinação a ditar as opiniões com relação a assuntos comuns e gerais da sociedade. Tais temas incluíam: como ser uma boa mãe, uma boa mulher, uma boa aluna, uma boa filha, uma boa cidadã para o seu país.

A sociedade patriarcal, vigente até hoje, em grande medida, impactou diretamente a construção de um modelo feminino e de seu papel social, familiar e profissional. O mundo estava mudando, a sociedade, criando novas relações de trabalho e precisava se adaptar à nova realidade, à modernidade e aos novos meios sociais que se produzia. Diante disso, naqueles discursos do impresso, vê-se uma luta com os tempos modernos em uma sociedade do pós-guerra onde eclodiam os avanços das tecnologias. Somado a isso, havia uma cruzada da Igreja contra os “anos dourados”⁷.

Para que uma nova forma de estar na sociedade se concretizasse, o cinema, os novos meios de consumo, a moda e os demais fatores que deturpavam a moralidade puritana deveriam ser combatidos. Nesse sentido, uma vez que a mulher estaria ligada ao pecado original, ela deveria, a todo custo, ser “educada para a nova realidade” e, em meio às tentações, resistir sempre.

Nesse âmbito, era necessário construir ferramentas para dialogar com o imaginário feminino, influenciando completamente as práticas cotidianas das jovens através de ordens morais claras a respeito de sua natureza. Com isso, materialidades como os impressos de cunho civilizatório invadiram todos os âmbitos da sociedade: os lares, as bancas, as escolas. Tratava-se da

⁷ A expressão “Anos Dourados” refere-se à década de 1950 e, ao conjunto dos avanços científicos, tecnológicos e nas mudanças culturais marcantes deste período. Em termos políticos, o período é marcado pela Guerra Fria (conflitos entre os blocos capitalistas e socialista).

disseminação de comportamentos desejados com a finalidade de educar para o lar e para a perpetuação de uma nação urbana civilizada e respeitosa.

Sob a perspectiva do gênero, consegue-se observar as dicotomias construídas na organização social a partir desse tipo de publicação. Considerando as relações de gênero como algo não polarizado, que se estabelece por meio das relações de poder, esse poder rizomático é impresso nos discursos produzidos e disseminados socialmente.

De modo geral, os significados culturais e sociais inscritos nesses impressos carregam, em suas ilustrações e em sua linguagem, aspectos temáticos e didáticos e, em seus títulos, trazem as representações de um ideal do que a sociedade queria para a época. Tais fins, até hoje, produzem um imaginário que permeia a produção discursiva dos papéis feminino e masculino.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres no Cotidiano: Educação e Regras de Civilidade (1920/1950). **Revista Dimensões**, Vitória, v. 33, p. 336-359, jul./dez. 2014.

CASTILLO, Antonio. Educação e Cultura Escrita: A Propósito dos Cadernos e Escritos Escolares. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CUNHA, Maria Teresa dos Santos. **Armadilhas da Sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

CUNHA, Maria Teresa dos Santos. **Tenha modos!** Manuais de civilidade e etiqueta na escola normal (anos 1920-1960). Florianópolis: UDESC, 2005.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette** - Mídia, cultura e revolução. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Maira Isabel da; BIANCHETTI, Lucídio. O Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos: memórias e olhares em questão. *In*: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; DAL'IGNA, Maria Cláudia; ADAMS, Telmo. **Os 25 anos do Programa de em Educação da Unisinos: trajetórias e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

LE MOS, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. **Revista Mandrágora**, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 161-164, jan./dez. 2013.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização. **História em Revista**, Pelotas, v. 9, p. 1-16, jan./dez. 2003.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade. Rio de Janeiro, século XIX. **ACERVO: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 01/02, jan./dez. 1995.

REVEL, Jacque. Os usos da civilidade. *In*: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.169-209. v. 3.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e Metodologia de Pesquisa**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica Ltda, 2007.

VIÑAO, Antonio. **Sistemas Educativos, Culturas Escolares y Reformas**. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VIÇOSO. *In*: MICHAELIS, Dicionário Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/PqydG/vi%C3%A7oso/>. Acesso em: 03/ago. 2019.

SOBRE OS AUTORES

LUCIANE SGARBI S. GRAZZIOTIN é Doutora em Educação (PUCRS) e Professora pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
E-mail: lsgarbi@unisinos.br

TAINÁ MARTINS DE BARROS é graduanda em Ciências Sociais (UNISINOS)
E-mail: ttaimartins@hotmail.com

EDUARDO CRISTIANO HASS DA SILVA é doutorando em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Licenciado, bacharel e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

E-mail: eduardohass.he@gmail.com

Recebido em: 04.10.2019

Aceito em: 28.10.2019